



ESPAÇO PÚBLICO

Livre aproximação a um conjunto de abordagens relacionadas ao tema

Organizado por
Maria Isabel Imbronito





Home Editora
São Paulo, 2023.

sãojudas
Pesquisa & Pós-Graduação
Stricto Sensu

PPS

arquitetura
e urbanismo

ESPAÇO PÚBLICO

Livre aproximação a um conjunto de abordagens relacionadas ao tema

Organizado por
Maria Isabel Imbronito

Coleção FRENTEs do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu / PGAUR USJT.

v.1 - Espaço Público: livre aproximação a um conjunto de abordagens relacionados ao tema

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Rayssa Peixoto Mendes

Imagem da capa
Rita de Cássia Nogueira Pinheiro

Projeto gráfico
Franklin Roberto Ferreira de Paula e Rayssa Peixoto Mendes

Diagramação e Revisão
Franklin Roberto Ferreira de Paula e Maria Isabel Imbronito

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janína Ramos - CRB-8/9166

E77
Espaço público: livre aproximação a um conjunto de abordagens relacionadas ao tema / Maria Isabel Imbronito (Organizadora). – Belém: Home, 2023.
Autores: Annibal Montaldi, Audrey Migliani, Bruno Fontes Almeida, Carlos Quedas Campoy, Eduardo Munhoz de Lima Castro, Franklin Roberto Ferreira de Paula, Gégela Penarotti de Lima, Jaqueline Fernández Alves, Rayssa Peixoto Mendes.
(Frentes, V. 1)
Livro em PDF
ISBN 978-65-85712-06-4 DOI 10.46898/home.06f1a638-88eb-4f0e-9a71-aa6f599737cf
1. Espaço urbano. I. Imbronito, Maria Isabel (Organizadora). II. Título.
CDD 307.76

Home Editora
São Paulo, 2023.

ESPAÇO PÚBLICO

Livre aproximação a um conjunto de
abordagens relacionadas ao tema

Organizado por
Maria Isabel Imbronito

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza (Editor-Chefe)

Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo-UFMA

Prof. Dr. Aldrin Vianna de Santana-UNIFAP

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa-UFMA

Prof^ª. Dra. Renata Cristina Lopes Andrade-FURG

Prof. Dr. Clézio dos Santos-UFRRJ

Prof. Dr. Rodrigo Luiz Fabri-UFJF

Prof. Dr. Manoel dos Santos Costa-IEEMA

Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida-UFOPA

Prof. Dr. José Morais Souto Filho-FIS

Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos-UEL

Prof^ª. Dra. Maria de Fatima Vilhena da Silva-UFPA

Profa. Dra. Dayse Marinho Martins-IEEMA

Prof. Dr. Daniel Tarciso Martins Pereira-UFAM

Prof^ª. Dra. Elane da Silva Barbosa-UERN

ESPAÇO PÚBLICO

livre aproximação a um conjunto de
abordagens relacionadas ao tema

Maria Isabel Imbronito

O campo da Arquitetura e Urbanismo guarda o lugar da pesquisa científica rigorosa, mas não restringe a produção de conhecimento a este tipo de ação, uma vez que projeto de arquitetura e urbanismo e teoria da arquitetura e do urbanismo constituem modos próprios da disciplina de investigar e ensaiar hipóteses para o ambiente humano. Também a crítica, ação externa à produção arquitetônica feita a posteriori, cumpre seu papel na definição de critérios e valores que interferirão nos rumos da arquitetura e do urbanismo que ainda não foram desenhados.

A investigação projetual, a especulação teórica e o ajuizamento crítico são modos de enfrentamento que se complementam dentro do campo disciplinar e cuja importância não deve escapar à pesquisa no âmbito da Pós-Graduação.

Aqui também vale a menção aos processos artísticos, nos quais a compreensão de fenômenos naturais ou fatos históricos se dá de outro modo, possivelmente com maior grau de síntese e empirismo. Nesses processos, a transmutação da informação e do pensamento para diferentes modalidades artísticas de expressão permite exercitar arranjos complexos de forma e significado, sem abrir mão de conceitos e fundamentos inerentes a estas obras.

A produção artística difere da ciência também pela abertura aos processos de interpretação e

pelos diferentes subjetividades fortemente implicadas nas duas pontas deste processo - o fazer artístico em si e a participação do sujeito que interage com a obra de arte e que lhe atribui sentido. A subjetividade implícita não invalida o valor da obra enquanto elemento gerador de conhecimento. Ao contrário: a relação sujeito-obra faz com que a obra exista enquanto ideia e coisa no mundo, e múltiplas ações e interpretações são bem vindas nesse processo. Ou seja, decorre da sobreposição de vieses e dos múltiplos desdobramentos que uma obra suscita um dos mais apreciados valores da produção artística, sua condição de obra aberta.

Os trabalhos que constituem este volume foram apresentados pelos autores junto a uma disciplina do curso de Doutorado do PGAUR-USJT, cuja proposta era estabelecer uma aproximação entre os temas espaço público e qualidade de vida urbana e a abordagem investigativa de pesquisa de cada doutorando, tendo como resultado uma proposta textual ou artística com livre formato de apresentação. A cada doutorando foi sugerida a leitura de um texto complementar à sua pesquisa, utilizado para pautar ou referenciar o trabalho a ser desenvolvido. Coube a mim, docente da disciplina, a seleção desses textos e o estabelecimento, ao longo do semestre, de uma interlocução curatorial para o encaminhamento das propostas.

Anníbal Montaldi traz uma investigação artística em três tempos: texto-manifesto (Corpo Cético 1), colagens (Corpo Cético 2), e CORPESPAÇOLÍTICOSTÉTICOSEXUALIZADO, um poema concreto. Dentre estes, as colagens são aquelas que atingem com grande força visual o tema da arte, dos museus e de sua representatividade na sociedade contemporânea. As colagens tem como base edifícios emblemáticos de museus - MASP, MAC, Museu do Ipiranga, Pavilhão da Bienal e Oca - aos quais se somam elementos estranhamente afins, construindo relações motivadas por temas como identidade, participação popular, etc., revelando assim a potência que estas instituições representam, muitas delas em movimento na contemporaneidade para promover debates, visibilidades e ações identitárias e inclusivas. O conceito-chave que permeia a proposta de Anníbal Montaldi, corpografia urbana, vem do texto escrito por Paola Berenstein Jacques, Microrresistências urbanas: por um urbanismo incorporado.

Segundo este conceito, “a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta e, dessa forma, também o define, mesmo involuntariamente”. Ainda segundo a autora, os “praticantes ordinários das cidades atualizam os projetos urbanos e o próprio urbanismo através de práticas, vivências ou experiências cotidianas” (Jacques, 2011, p.168).

Vale ainda mencionar o conceito de espaços opacos e luminosos de Milton Santos e sua relação com outro projeto apresentado pela dupla Anníbal Montaldi e Gêgela Penarotti de Lima para a mesma disciplina, Espaço Público e Qualidade de Vida. Naquela proposta, tótems seriam implantados no espaço público, localizados nas interseções geográficas de uma rede urbana de museus na cidade de São Paulo, gerando pontos luminosos de intensidade artística e política.

O trabalho de Audrey Migliani foi fundamentado pela ideia de “homo ludens” de Johan Huizinga e pelo texto de Giorgio Agamben, Elogio da profanação (2007). No texto, o autor transborda o sentido original conferido ao ato de profanar, em que elementos e ritos religiosos são apropriados a usos desviantes e assumem outros sentidos e funções no cotidiano. Ao sugerir que a criança aplica uma operação análoga à profanação religiosa em sua experiência cotidiana do mundo, seja por não compreender os meandros dos ritos ou por pulsão do jogo e da brincadeira, entendidos como simulações de modos do existir, considera-se que essa conduta do profanar é proveitosa para a experiência do habitante da cidade. Audrey Migliani elabora um manifesto pelo direito das crianças à cidade no qual a vida lúdica e o tempo lento são defendidos para todos.

Bruno Fontes Almeida fez a leitura do texto de Rainer Hehl, A convergência de micro e macroatores rumo a redes multiescalares para intervenções urbanas, que tangencia seu tema de pesquisa ao abordar procedimentos participativos articulados a políticas públicas, sugerindo que os mecanismos dessa articulação são determinantes no processo de planejamento e implementação das transformações urbanas. Bruno Almeida propõe a criação de uma revista de livre circulação, a Comuna 13, que aborda a arte e o urbanismo como modos de transformação social e urbana, a exemplo de seu local de estudo, Medellín.

Carlos Quedas Campoy discute, em texto de sua autoria, a introdução da realidade aumentada e sua relação com o espaço público, apontando para tecnologias que impactam na experiência, na informação, na memória e na interação do usuário com o espaço.

Eduardo Munhoz de Lima e Castro abordou o tema da arquitetura biofílica e seus impactos na qualidade de vida urbana. Munhoz fez um ensaio fotográfico por praças na cidade de São Paulo, em que procurou registrar a presença da natureza em diversos espaços e transmitir através de legendas, as sensações que estes espaços proporcionam.

Franklin Roberto Ferreira de Paula, em sua pesquisa sobre edifícios escolares inseridos em conjuntos habitacionais na Zona Leste de São Paulo, traz uma colagem na qual se identificam diversas referências artísticas e arquitetônicas

dos séculos XX e XXI (Archigram, Bernard Tschumi, BIG, entre outras). Estas referências, coexistindo em um espaço real, transformam a frente de um edifício escolar existente em um exercício de liberdade e educação para além dos muros da escola, em diálogo com o conceito de cidade educadora.

Com o texto "Corpo arte cidade", Gégela Penarotti de Lima discute, através de um texto de sua autoria, o papel dos museus e introduz a urgência por espaços amplamente representativos e participativos. Para complementar sua argumentação, a pesquisadora traz fragmentos escritos de Helio Oiticica, artista que desenvolveu conceitos como o mundo-abrigo, o artista declanchador e o sujeito participante.

Jaqueline Fernández Alves traz uma série de provocações sobre a cidade e a memória que ela merece, e propõe a intensiva publicização e sensibilização de questões ligadas ao patrimônio arquitetônico através de uma série lambe-lambe a ser espalhada na cidade de Santos, SP.

Rayssa Peixoto Mendes apresenta "Fluxos", um ensaio fotográfico através do qual enfoca a presença de pessoas em espaços públicos no centro de São Paulo durante a pandemia de Covid-19. Nunca repetindo o elemento de destaque de suas imagens, a autora ilumina a máscara, a bicicleta, o espaço público em obra, o espaço verde público, e o espaço urbano apropriado – ou não – para as atividades artísticas, de lazer, habitar e trabalhar.

Deixamos o leitor com esta variada coletânea de propostas, reiterando que a discussão acadêmica pode, de modo experimental, extravasar formatos consagrados e trazer contribuições de grande interesse através de meios e linguagens presentes em outros campos e sob outras práticas.

Para finalizar, agradecemos ao Instituto Ânima pelo apoio à realização deste trabalho.

CORPO **C**ÉTICO
ensaios poetizados stricto visuais

Anníbal Montaldi

Corpo Cético é o nome da proposição feita inicialmente como um trabalho livre que tomou um viés estético-provocativo. Composto como elemento único, utiliza-se de três linguagens distintas. Uma linguagem escrita, uma plástica e uma que mescla as duas anteriores. Ou seja: um, “ensaio” literário; outro, cinco colagens digitais; e um terceiro, uma poesia concreta. Apesar dessa organização posterior, racionalizante, da entrega final, o percurso foi inverso. Partiu-se da poesia concreta.

A produção se pauta na pesquisa individual do doutorado, a ideia de compor um corpo pessoal e político a partir da intervenção da arte e do convívio com a cidade, ora por vias das instituições museais, ora pela manifestação autóctone corporal.

Na base desta provocação artística são encontrados ecos iniciais dos pensamentos corporais foucaultianos, o estético político de Rancière, e o CsO – corpo sem órgãos de Deleuze e Guattari, entre outros.

Para esta empreitada, propõem-se uma nova abordagem ao corpo individual, a de um “corpo cético”.

Propor a reconstrução de um corpo que questione, em todos os instantes do seu trajeto pessoal, as proposições feitas pelos diversos âmbitos vivenciais. Que, a partir de si próprio, conteste os meios de dominação de poder estabelecidos. Um corpo indócil. Um corpo que fica trêmulo às obediências postas e impostas, seja midiática, plástica e/ou social. Que, a partir do sensível, do que o toca, seja estético-artístico. Em suma, seja político.

Ainda complementa a formação deste corpo a indefinição de sua teleologia. Não tem um porquê, nem para quê, mas sim uma imanência deste corpo para si próprio. Como diria Foucault, “um volume em perpétua pulverização”.

Esta é a provocação da proposta: que o que é determinado se dissolva e se recrie, desobedientemente aos elementos exógenos impositores e, indefinidamente, se reconstrua, se reconfigure, se construa sensivelmente.

CORPO CÉTICO UM parte dos espaços externos ao nosso corpo, espaços públicos.

Um ensaio poético de questionamento dos recursos recorrentemente majoritários e opressores que são extensos e extensivos em instituições que criam narrativas histórico-artísticas de ausência e exclusão.

Dentre estes, não é tão recente a revisão para o espaço museológico e sob qual discurso se encontra o que é apresentado.

Ações feitas por coletivos da década de 80, como o “Guerrilla Girls”, fazem provocações sobre o feminino nas exposições, coleções e acervos museais. Essas ações, como a exemplificada anteriormente, servem de força motriz e percurso para questionamentos atuais como a representatividade de minorias e/ou um posicionamento político destas instituições.

Este é o elemento chave do ensaio poético “CORPO CÉTICO UM”, o questionamento que intenciona tais posturas e pede urgentemente por mudanças que nos representem de modo mais amplo, diverso e inclusivo para muitos.

CORPO CÉTICO UM + UM se propõe a um ensaio artístico usando a linguagem da colagem digital, são cinco ao todo. Utiliza-se de apropriações de imagens documentais, jornalísticas e autorais dispostas na rede virtual, a internet.

A temática é complementar, sem deixar de ser autônoma, ao ensaio poético anterior “CORPO CÉTICO UM”. Motivo do acréscimo (+) de “UM”

Se o questionamento escrito às instituições museais são feitas no poema anterior, aqui, livremente de amarras que obrigatoriamente se conectassem ao poema, as imagens partem de alguns museus paulistanos como o MASP (sua vocação para manifestações), o MAC-USP (as aproximações com a contemporaneidade), o Museu Paulista - USP (suas representações históricas) e o Pavilhão Lucas Nogueira Garcez - OCA (sua “relação” com os povos originários) e os elementos e acontecimentos históricos contemporâneos que se relacionam com nossos espaços, cidades e suas manifestações.

Ao observador das imagens propõem-se um posicionamento sensível para que se posicione em uma relação estético-política com as imagens.

**CORPO CÉTICO
CORPESPAÇOLÍTICOSTÉTICOSEXUALIZADO,**

uma tentativa de concretização do tema, a partir de um poema concreto, de livres conexões e múltiplas relações.

Provoca-se com as letras, radicais, prefixos e sufixos a retirada de amarras e de campos de concentração das definições linguísticas e das áreas de conhecimento.

Procura-se, novamente, o exercício de um “CORPO CÉTICO”. Uma descrença no que vem pronto, formatado. Uma reorganização significativa de um perceber sensível e único.

Incita-se em ir contrário à organização prévia, desorganizar os conceitos preexistentes e reformar, engajando-se do estético, plástico e sonoro.

Exercício proposto:

(Provoca-se o visualizador para um fazer)

Criar uma palavra única do aglutinamento de palavras existentes, tendo como conceito principal o “corpo”.

Criar novas palavras e organizá-las plasticamente.

Ler alto as novas palavras criadas.

Refletir sobre os resultados.

CORPO **C**ÉTICO
UM

Que espaço público?

Que espaços podemos ocupar?

Que espaços nos representam?

Quem é deixado ao largo durante anos de civilização?

Pedimos por falas, pedimos por vozes.

Local que contenha nossa linguagem, nossa denúncia.

Local que preencha as lacunas deixadas.

Local que reverbere as diferentes formações.

As questões mais emergentes.

Que se propague na sociedade.

Que nos enxergue como indivíduos, cidadãos.

Um museu.

Plural, extenso, dinâmico.

Este espaço público que nos identifiquemos.

Um museu cético.

Um museu ético.

Um museu estético.

Um museu sexualizado.

Um museu, como elemento vivo, representativo.

Um museu ampliado,

Que exista socialmente.

Um museu formador de um corpo.

Corpo Político.

Nosso corpo

CORPO **C**ÉTICO
UM + UM











Colagem 1
“Sem título”
Imagens
I – MASP
II – Avenida Paulista
III – Parada LGBTQIA+
IV – Ilu oba de min
(Consciência Negra)

Colagem 2
“Sem título”
Imagens
I – MAC-USP
II – Favela de Paraisópolis
III – Desmatamento Amazônico
IV – Erika Hilton
V – Moradores Quilombolas do
Estado de SP

Colagem 3
“Sem título”
Imagens
I – Museu Paulista – USP
II – Palmeiras Imperiais
III – Quilombolas da Bahia
IV – Ocupação 9 de Julho
V – Esportes Indígenas

Colagem 4
“Sem título”
Imagens
I – MAC-USP
II – Tragédia de Brumadinho
III – Manifestação em Heliópolis
IV – Dragas do Rio Madeira
V – Indígena Paulista

Colagem 5
“Sem título”
Imagens
I – Pavilhão Lucas Nogueira
Garcez – OCA
II – Manifestação Indígena
III – Mineração Ilegal
IV – Esportes Indígenas
V – Crianças

CORPO **C**ÉTICO
CORPESPAÇOLÍTICOSTÉTICOSEXUALIZADO

POLÍTICOSEXUALIZADO
ESTÉTICOSEXUALIZADO

CORPESTÉTICO

CORPOLÍTICO CORPOXUALIZADO

CORPESPAÇOLÍTICOSTÉTICOSEXUALIZADO

CORPESPAÇO CORPOSÉTICOS

ESPAÇOLÍTICO ÉTICOSEXUALIZADO

ESPACÉTICO

POLÍTICOSTÉTICO

CORPOCÉTICO

CORPOÉTICO

COLAGEM 1- MASP

Fontes:

<https://www.instagram.com/p/CWbUDhMJzt/>
<https://photoarts.com.br/produto/praca-do-ciclista-sergio-souza/>
<http://jornalismojunior.com.br/a-cultura-nordestina-em-sao-paulo-muito-alem-do-chapeu-de-couro/>
<http://g1.globo.com/sao-paulo/fotos/2013/06/fotos-parada-gay-2013-em-sao-paulo.html>
<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/11/marcha-da-consciencia-negra-em-sp-critica-bolsonaro-e-relembra-vitimas-da-pandemia.shtml>

COLAGEM 2- MAC-USP PILARES

Fontes:

http://www.estudiocarlosfortes.com/uploads/project_images/image/560555bbd536956466000032/MAC_Ibirapuera_271_LOW.jpg
<https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2021/11/18/desmatamento-amazonia-alta-22.htm>
<https://www.metropoles.com/brasil/vereadora-mais-votada-erika-hilton-reage-ao-racismo-basta-de-nos-matar>
<https://www.saopaulo.sp.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/galeria4-17-1.jpg>
<https://www.saopaulo.sp.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/galeria8-16-2.jpg>
<https://www.saopaulo.sp.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/galeria6-16-2.jpg>
<https://i.pinimg.com/736x/57/ed/79/57ed79b28ebd9abe61a4b16bac6b77dc.jpg>

COLAGEM 3 - Museu Paulista-USP (Museu do Ipiranga)

Fontes:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/01/museu-paulista-quer-por-em-xeque-herois-bandeirantes-de-suas-obras-ao-reabrir.shtml>
<https://i.pinimg.com/736x/57/ed/79/57ed79b28ebd9abe61a4b16bac6b77dc.jpg>
<http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=157>
<https://www.boqnews.com/wp-content/uploads/2017/04/unnamed-4-1.jpg>
<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/10/21/palmeiras-plantadas-por-burle-marx-ha-meio-seculo-finalmente-dao-flores-no-rio.ghtml>
<https://www.gratispng.com/png-qjzlhb/>
<https://www.instagram.com/p/B1J3s75negj/>

COLAGEM 4- MAC - USP PASSARELA

Fontes:

<https://oglobo.globo.com/brasil/apos-quatro-dias-balsas-de-garimpeiros-ilegais-sao-incendiadas-pela-policia-federal-no-rio-madeira-veja-video-25295830>
<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brumadinho-tragedia-faz-2-anos-sem-barragens-desativadas-e-com-disputa-juridica/>
http://www.estudiocarlosfortes.com/uploads/project_images/image/5605555cd536956466000029/MAC_Ibirapuera_150_aa_LOW.jpg
<http://f.i.uol.com.br/fotografia/2016/05/30/612326-970x600-1.jpeg>
https://f.i.uol.com.br/fotografia/2021/11/24/1637794457619ec299e0198_1637794457_3x2_md.jpg

COLAGEM 5 - OCA - Pavilhão Lucas Nogueira Garcez

Fontes:

https://vejasp.abril.com.br/wp-content/uploads/2016/11/15585_lucasbarros-sp458anos.jpeg
<https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/exposicao-invento-revolucoes-inventaram-oca-ibirapuera/>
<https://vejasp.abril.com.br/wp-content/uploads/2018/07/ibirapuera-12.jpg>
<https://vejasp.abril.com.br/blog/sao-paulo-do-alto/oca-ibirapuera/>
<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/39564-jogos-mundiais-dos-povos-indigenas - foto Eduardo Knap>
<https://daqui.opopular.com.br/editorias/geral/dia-do-%C3%ADndio-conhe%C3%A7a-10-esportes-tradicionalmente-ind%C3%ADgenas-1.1071946>
<https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2021/09/02/stf-julgamento-marco-temporal-terras-indigenas.htm>
<https://www.cidadeecultura.com/tribo-indigena-dessana-tukana-em-manaus/manaus-tribo-indigena-dessana-2626/>
<https://www.ambientelegal.com.br/brasil-ratifica-acordo-de-minamata-para-controle-de-descarte-de-mercúrio/>
<https://medium.com/@henriquebritooliveira35/reflex%C3%B5es-sobre-a-pr%C3%A1tica-do-infantic%C3%ADdio-ind%C3%ADgena-os-direitos-humanos-e-o-direito-%C3%A0-cultura-d386742b0ea0>
<https://catracalivre.com.br/wp-content/uploads/2019/08/amazonia-pegando-fogo.jpg>

*(última abertura de todas as imagens - 12/12/2021)

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo** – Capitalismo e esquizofrenia. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs** (5 volumes). São Paulo: Editora 34, 2012.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1988.

JACQUES, P. B. e BRITTO, F. D. (Org.). **Corpocidade**: debates, ações e articulações. Salvador: EDUFBA, 2010.

MACHADO, R. (Org.). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal. (Edição com base em textos de Michel Foucault), 1979.

RANCIÈRE J. **A partilha do Sensível**: estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. 2a. Ed, São Paulo; Editora 34, 2009.

Manifesto pelo Lugar da Criança ☺

Audrey Migliani

Manifesto pelo lugar da criança!

O “Manifesto pelo lugar da criança” nasce como uma provocação e visa evidenciar a urgência em incluir a criança (o cidadão esquecido) na pauta da nova agenda urbana após período da flexibilização da pandemia da Covid-19 e consequente retomada à apropriação do espaço público pelos cidadãos.

O isolamento social prejudicou especialmente o uso desses espaços por parte da população de faixa etária entre zero e seis anos, que se viram trancadas em seus ambientes domésticos sem perspectiva de retorno haja visto o fato de que muitas das crianças desse grupo nasceram durante esse período e esse convívio sempre os foi vetado.

As crianças não puderam frequentar parques.

As crianças foram impedidas de brincar em praças.

As crianças ficaram proibidas de caminharem até suas escolas.

Esse cenário evidenciou-se na era pandêmica, mas não é um “privilégio” dela. Durante toda a história da humanidade, sempre existiu o preconceito contra a criança. Hoje, a ciência estuda esse preconceito e dá a ele um nome: adultismo.

O adultismo fez com que a criança fosse um cidadão invisível. O adultismo fez com que a criança fosse um cidadão mudo.

Dessa maneira, o presente manifesto pretende dar voz e tornar visível a necessidade [e o direito] de todas as crianças porque, acredita-se que, proporcionar uma cidade respeitosa para a criança significa [também] prover uma cidade respeitosa para todes!

manifesto pelo lugar da criança

- por cidades seguras (também) para as crianças.
- por bairros convidativos (também) para as crianças.
- por quarteirões educativos (também) para as crianças.
- por trajetos divertidos (também) para as crianças.
- por mais sombras de árvores pelos caminhos (também) das crianças.
- por parques e praças interessantes (também) para as crianças.
- por avenidas mais silenciosas (também) para as crianças.
- por ruas mais limpas (também) para as crianças.
- por mais liberdade pelas rotas (também) das crianças.
- por menos buracos nas calçadas (também) para as crianças.
- por menos poluição (também) para as crianças.
- por parques e praças interessantes (também) para as crianças.
- por mais hortas urbanas (também) para as crianças.
- por mais INCLUSÃO, RESPEITO e ACESSIBILIDADE (também) para as crianças.

pela profanação do ESPAÇO PÚBLICO
para uma melhor QUALIDADE DE VIDA
[também] de nossas CRIANÇAS!

Audrey Migliani ♥

São Caetano do Sul, 19 de novembro de 2021

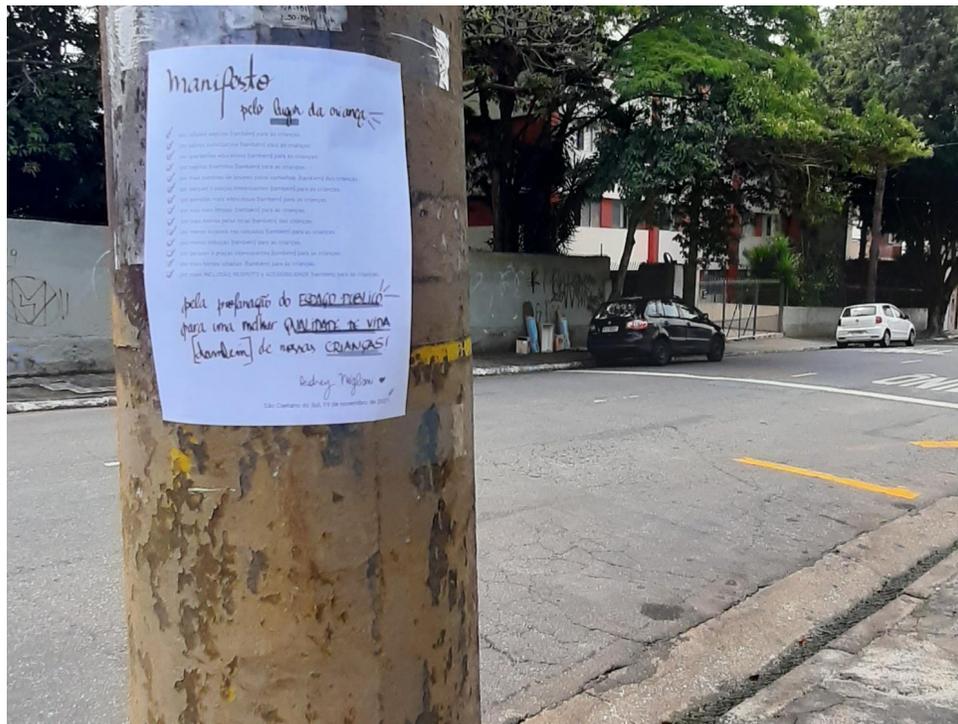
Manifesto pelo lugar da criança

- por cidades seguras [também] para as crianças.
- por bairros convidativos [também] para as crianças.
- por quarteirões educativos [também] para as crianças.
- por trajetos divertidos [também] para as crianças.
- por mais sombras de árvores pelos caminhos [também] das crianças.
- por parques e praças interessantes [também] para as crianças.
- por avenidas mais silenciosas [também] para as crianças.
- por ruas mais limpas [também] para as crianças.
- por mais lixeiras pelas rotas [também] das crianças.
- por menos buracos nas calçadas [também] para as crianças.
- por menos poluição [também] para as crianças.
- por mais hortas urbanas [também] para as crianças.
- por mais INCLUSÃO, RESPEITO e ACESSIBILIDADE [também] para as crianças.
- ...

pela profanação do ESPAÇO PÚBLICO
para uma melhor QUALIDADE DE VIDA
[também] de nossas CRIANÇAS!

Audrey Migliami ♡

São Caetano do Sul, 19 de novembro de 2021.



Manifesto pelo lugar da criança (1)

AGAMBEN, G. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2012.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MONTESSORI, M. **A formação do homem**. Tradução de Sonia Maria Braga. Campinas: Kírion, 2018.

Fotos por Audrey Migliani.

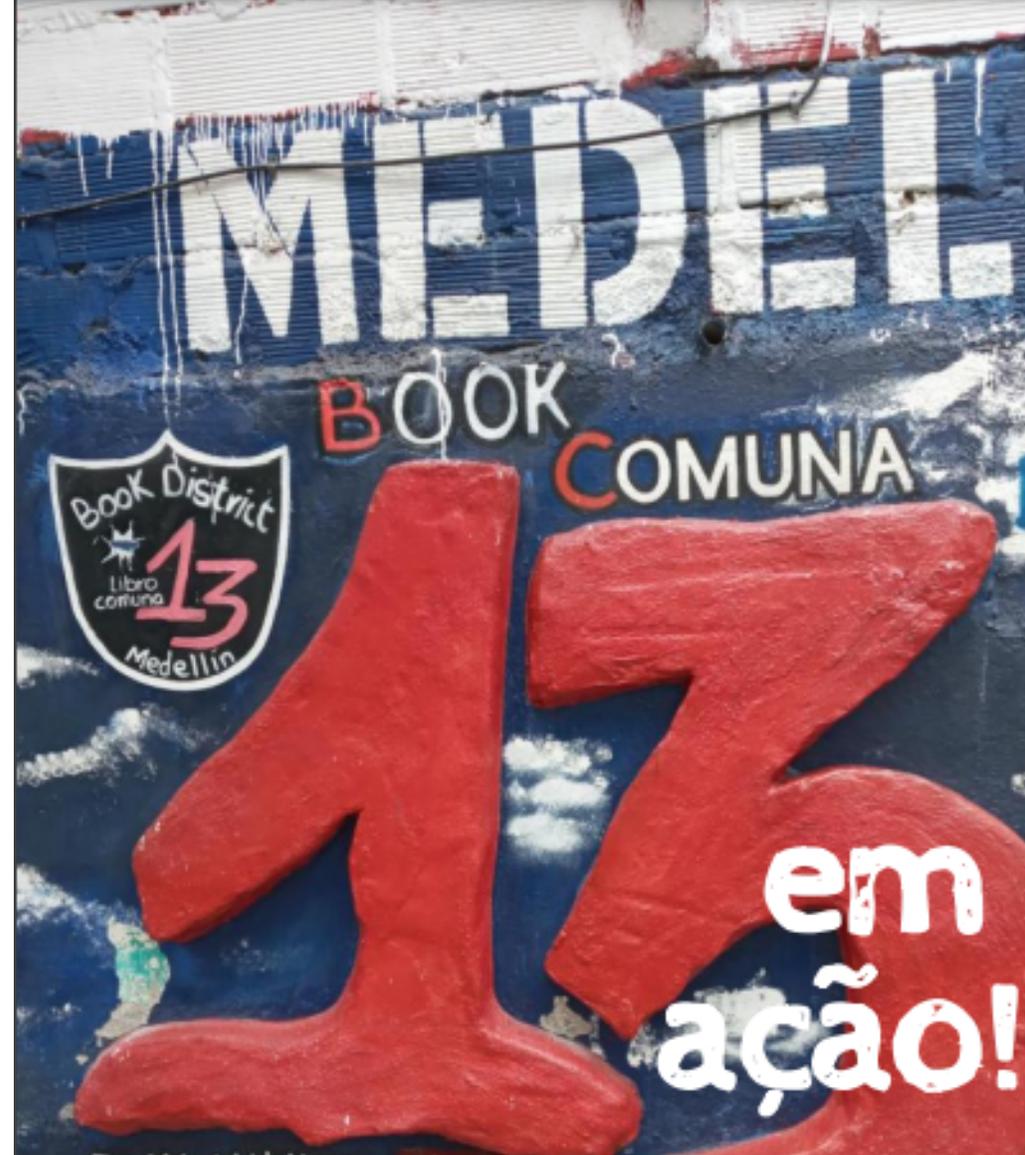
COMUNA 13

revista de livre circulação

Bruno Fontes Almeida

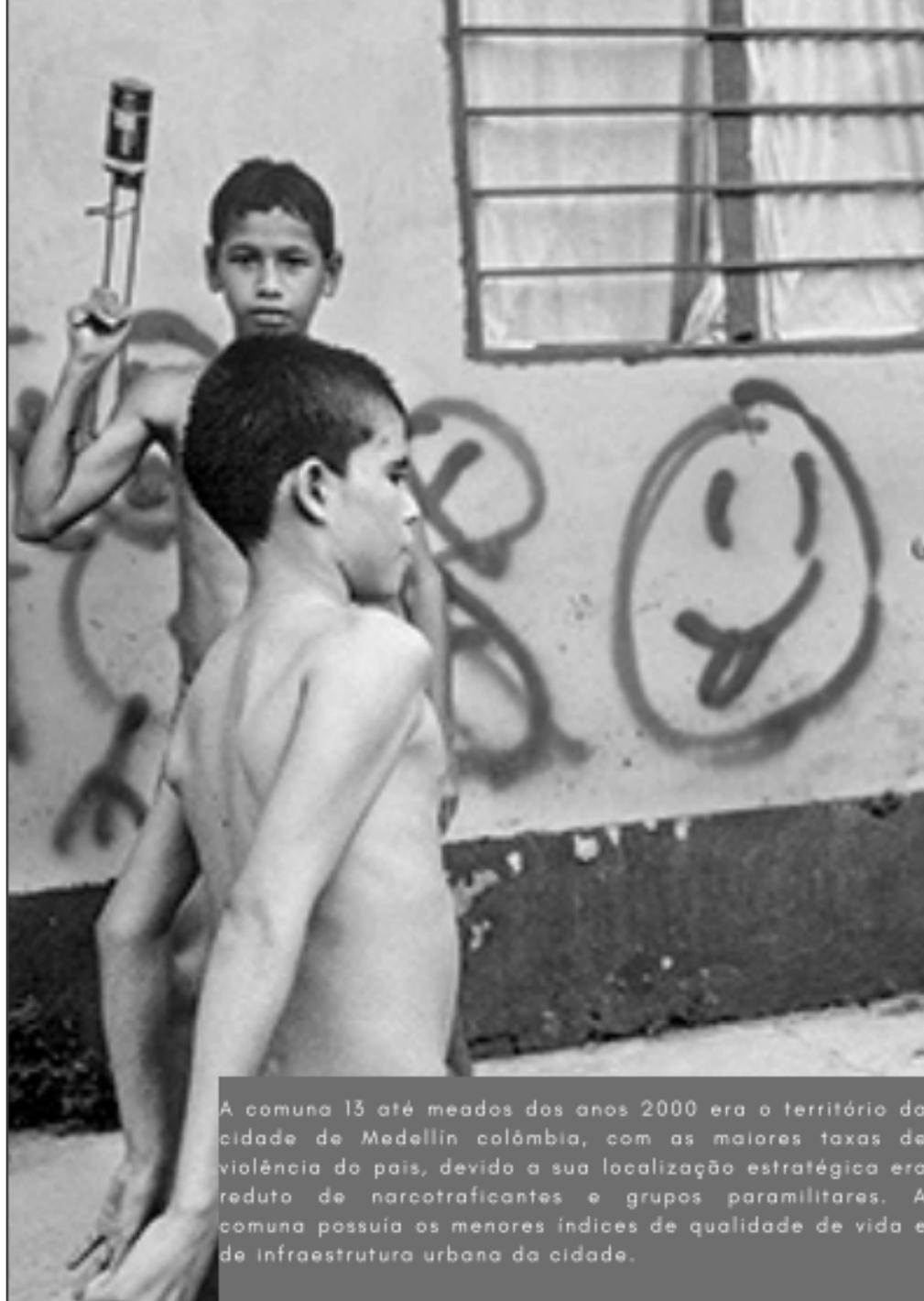
COMUNA 13

Proposta de uma revista local entendida como dispositivo de comunicação, participação e transformação da vida cotidiana em comunidade.



MUDANÇA PARADIGMÁTICA DE METODOS TOP-DOWN

ESPAÇO PÚBLICO E QUALIDADE DE VIDA NAS CIDADES CONTEMPORÂNEAS
PROF. (A) ISABEL IMBRONITO
ALUNO: BRUNO FONTES ALMEIDA
DOUTORADO UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU



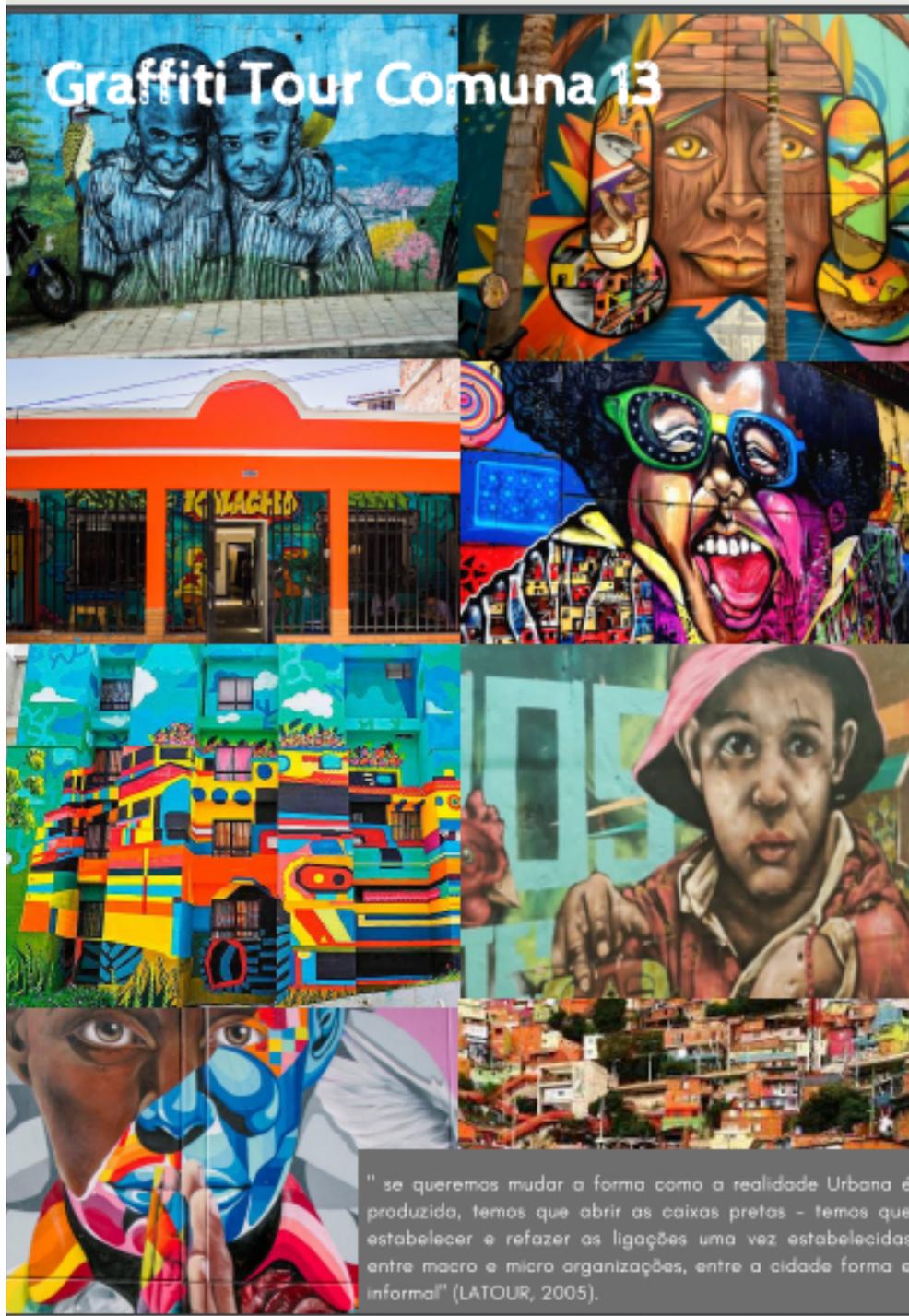
A comuna 13 até meados dos anos 2000 era o território da cidade de Medellín colômbia, com as maiores taxas de violência do país, devido a sua localização estratégica era reduto de narcotraficantes e grupos paramilitares. A comuna possuía os menores índices de qualidade de vida e de infraestrutura urbana da cidade.



Urbanismo em ação!

Em 2002 foi desenvolvido o Projeto Urbano Integral, atrelado ao urbanismo social, como forma de sanar os problemas históricos dessa comuna.

Graffiti Tour Comuna 13



" se queremos mudar a forma como a realidade Urbana é produzida, temos que abrir as caixas pretas - temos que estabelecer e refazer as ligações uma vez estabelecidas entre macro e micro organizações, entre a cidade forma e informal" (LATOURE, 2005).

Arte em ação!

O urbanismo atrelado a arte como forma de transformação a partir da união dos micros e macros atores.

HEHL, Bruno. A convergência de micro e macroatores rumo a redes multiescalares para intervenções urbanas. In: Rosa, Marcos. **Microplanejamento**. Práticas urbanas criativas. São Paulo: Editora de Cultura, 2011.

Citação presente no texto: LATOUR (1981) apud HEHL, 2011.

Imagens selecionadas pelo autor ou produzidas pelo autor em suas visitas a campo.

R E A L I D A D E
AUMENTADA

como um instrumento para incentivar
as relações humanas:
uma proposta inspirada no Meta/Facebook

Carlos Quedas Campoy

REALIDADE AUMENTADA

A **Realidade Aumentada (RA)** tem sido posicionada como uma tecnologia revolucionária em alguns campos, que se estendem desde os profissionais, até os de lazer. Interessa-se pelo seu emprego como uma plataforma que possa incentivar as relações humanas, ao convidar as pessoas a ocuparem com maior intensidade, assim como, com diferentes atividades os espaços públicos. Focaliza-se nas **dimensões do imaginário e das atividades recreativas, auxiliadas pela RA**, capazes de propiciar também **novas interações com a cidade** e, talvez assim, melhorar a **qualidade de vida** dos seus habitantes.

INTRODUÇÃO

Quando se pensa, de maneira panorâmica, na qualidade de vida presente nas cidades contemporâneas, pode-se levar em consideração uma sobreposição de variáveis e de condicionantes. É provável que as primeiras questões que vêm à mente são aquelas relacionadas com a acessibilidade, tanto pelo ponto de vista do uso de espaços físicos, quanto pela participação em vários âmbitos da vida em sociedade (inclusão social).

Entretanto, é importante expandir esse olhar para outros âmbitos relevantes à perspectiva do planejamento urbano. Além de questões dispositivas e organizacionais físicas, também envolvem as dimensões ética, política, econômica, antropológica, sociológica, geográfica, histórica e tecnológica (LACERDA, 2013).

Um quadro mais preciso dessas variáveis pode ser visualizado nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) (figura 1), compilados pela Organização das Nações Unidas (ONU). Ainda que segmentadas analiticamente, entende-se que tais variáveis estão interconectadas e são interdependentes.

Em relação ao item de número 3, Saúde e Bem-Estar, nota-se que uma das suas vertentes, passíveis de serem abordadas, tem a ver com atividades recreativas.

O tema lazer, atualmente, ainda pouco explorado em pesquisas acadêmicas brasileiras,¹ quando comparado com outras ordens qualitativas investigadas pela Psicologia e pela Ciências Sociais Aplicadas, pode ser entendido como um “fato civilizatório” e “um direito para todos” (PRONOVOST, 2018, p. 369-375). A sua legitimação é construída pelos pontos de vista da

distribuição da riqueza nacional, de direito ao meio ambiente sadio e seguro, para reivindicar serviços públicos de qualidade, programas econômicos de apoio ao desenvolvimento do esporte ou da cultura [...]. O lazer foi integrado à concepção de cidadania. A maior parte dos grandes estudos internacionais sobre os valores demonstram que o lazer é parte integrante do sistema contemporâneo de valores e bem integrado nas maneiras de pensar numa vida normal. (PRONOVOST, 2018, p. 375-376)

As atividades recreativas, ou de lazer, tendem a estimular o imaginário e, ao menos potencialmente, a incentivar o convívio social, também importante para a edificação da qualidade de vida (LEITE, 2011; TORRES, 2020), para a sensação de bem-estar e “o direito à cidade”, seguindo o que pontua Henry Lefebvre (2001).

Nesse último sentido, constata-se, em São Paulo, uma desarticulação entre espaços públicos, como locais de lazer, de permanência, de manifestação da civilidade e de contato com a natureza. Em geral, esses espaços são experimentados, ou apenas visualizados, como segmentos isolados por fluxos que privilegiam os automóveis e, por

Figura 1 - Objetivos de desenvolvimento sustentável - ONU



Fonte: <https://odsbrasil.gov.br/>. Acesso em: 04 nov. 2021.

consequência, subordinam todo o restante (LEITE, 2011). Essa condição também é encontrada em outras brasileiras, inicialmente planejadas ou não, cuja expansão urbana atual apresenta um caráter disperso e veloz (CALLEFI, 2017).

A partir dessa configuração, os espaços urbanos tendem a perder parte do seu propósito relativo ao bem-estar, para serem apenas passagem, ou pior, barreiras (LEITE, 2011). A subutilização de jardins, praças e parques ocasiona, em parte, problemas relacionados com a degeneração do espaço público. Esse fato pode reverberar na quebra de parte da identidade da população, pois é nesses locais onde manifestações socioculturais em massa, normalmente, acontecem (MENEZES, 2018).

Dentro de um conceito mais específico de “lugar”,² observa-se particularidades culturais que definem as relações de identificação e de reconhecimento da paisagem urbana, tendo a cidade como obra social e de arte, em construção (ARGAN, 1995; LEFEBVRE, 2001).

Entende-se que certas tecnologias – uma das dimensões pertinentes ao planejamento urbano (LACERDA, 2013) e uma das pautas tangenciadas pelos ODS – podem, ao menos parcialmente, promover integrações e interatividades, que permitam experimentar a cidade e ocupar os espaços públicos de uma

maneira diferente: recreativa, imaginativa e cultural.

Intenta-se estimular o lado oposto ao isolamento, que as tecnologias tendem a gerar. Estudos recentes apresentam consequências negativas para saúde física e mental de pessoas que dedicam boa parte do seu tempo a atividades, como, por exemplo, videogames, aulas online e outras situações que promovem o sedentarismo. Tendo em vista o aumento da adesão a esse estilo de vida, nos últimos dois anos, aproximadamente, devido à pandemia do COVID-19, o isolamento social tem contribuído para a obesidade, a ansiedade e a depressão. (FLORÊNCIO JÚNIOR; PAIANO, 2020)

Parte-se de uma proposta reflexiva, impulsionada pela mudança estratégica da empresa de mídia sociais Facebook, que se transformou em Meta,³ pela incorporação da Realidade Aumentada (RA), conforme anunciado em 28 de outubro de 2021. Por outro lado, esta proposta também é especulativa do ponto de vista teórico e conceitual, ainda que apoiada por uma parte empírica tecnológica, pois trata-se de um instrumento digital em desenvolvimento.

Outro fator a ser considerado, dentro dessa especulação, está na esfera cultural, em relação à real aceitação e incorporação dessa tecnologia no cotidiano das pessoas.

Figura 2 - Jogo Pokémon Go



Fonte: <https://pokemongolive.com/post/arplus/>. Acesso em: 04 nov. 2021

Figura 3 - Father.IO. Jogo de ação compartilhado por times em campo



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=K1ucxoKyIZI>. Acesso em: 04 nov. 2021

Propõe-se uma nova camada digital educativa, perceptiva e participativa na vida das pessoas, por meio da RA. Aproveita-se a infraestrutura e as interfaces presentes e disponíveis em smartphones e em tablets de uso pessoal. seu tempo a atividades, como, por exemplo, videogames, aulas online e outras situações que promovem o sedentarismo. Tendo em vista o aumento da adesão a esse estilo de vida, nos últimos dois anos, aproximadamente, devido à pandemia do COVID-19, o isolamento social tem contribuído para a obesidade, a ansiedade e a depressão. (FLORÊNCIO JÚNIOR; PAIANO, 2020).

Parte-se de uma proposta reflexiva, impulsionada pela mudança estratégica da empresa de mídia sociais Facebook, que se transformou em Meta,³ pela incorporação da Realidade Aumentada (RA), conforme anunciado em 28 de outubro de 2021. Por outro lado, esta proposta também é especulativa do ponto de vista teórico e conceitual, ainda que apoiada por uma parte empírica tecnológica, pois trata-se de um instrumento digital em desenvolvimento. Outro fator a ser considerado, dentro dessa especulação, está na esfera cultural, em relação à real aceitação e incorporação dessa tecnologia no cotidiano das pessoas.

Propõe-se uma nova camada digital educativa, perceptiva e participativa na vida das pessoas, por meio da RA. Aproveita-se a infraestrutura e as interfaces presentes e

disponíveis em smartphones e em tablets de uso pessoal.

DESENVOLVIMENTO

RA sobrepõe objetos e ambientes digitais à realidade observável a olho nu por meio de aparelhos eletrônicos. A Realidade Virtual é uma tecnologia diferente. Essa submerge o usuário em um espaço totalmente digital, sem a percepção do real à sua volta. RA foi desenvolvida no final da década de 1960⁴ (JAVORNIK, 2016), mas, desde meados dos anos 2010, dispositivos, como smartphone, tablets e óculos do tipo smart glass são capazes de trabalhar com a RA (CUPERSCHMID, 2016).

Quanto à implementação desta proposta, que procura incentivar a ocupação e o desfrute do espaço público, pode-se apontar algumas possibilidades dentro de uma mesma base: um aplicativo para smartphone e/ou tablets. Uma primeira funcionalidade é aquela semelhante ao que se encontra em aplicativos, como o Google Maps, que dispõe locais de interesse público com indicações de rotas e circuitos de visitação, associado a pequenos descritivos dos atributos do lugar.

Contudo, abre-se a possibilidade de visualizar essas informações sobrepostas, pela RA. Sendo assim, parte da intenção é a programação de sistemas informativos sobrepostos digitalmente à paisagem da cidade.

Figura 4 - Jogo de quebra-cabeça tridimensional



Fonte: <https://www.independent.co.uk/extras/indybest/gadgets-tech/video-games-consoles/augmented-reality-games-ar-android-ios-apple-google-play-tech-a8506831.html>. Acesso em: 04 nov. 2021

Figura 5 - Jogo Beer Invaders semelhante ao Space Invaders, do videogame Atari



Fonte: <https://www.instagram.com/augmentedxreality/>. Acesso em: 04 nov. 2021

Figura 6 - RA projetada em camiseta



Fonte: <https://www.instagram.com/augmentedxreality/>. Acesso em: 04 nov. 2021

Outra possibilidade, para essa mesma plataforma, que pode ser interativa, está direcionada ao agendamento de encontros e atividades de lazer presenciais. Além dessa maneira de organização prévia, jogos também podem utilizar o aplicativo. Um exemplo desse tipo de jogo pode ser encontrado no Pokémon Go (figura 2).

Pesquisas nas áreas da Psicologia, Gestão e Marketing, baseadas na Teoria de Usos e Gratificações – que empregam modelos avaliativos de interação/presença social, prazer e fantasia, entre outros –, apontam influências positivas, não somente para a indústria dos jogos, mas também para a experiência do usuário e reforço dos laços sociais (BARANOWSKI, 2020; BUENO, 2020).

Uma vez que o espaço digital não é restrito às leis da física, como na realidade e na escala natural observáveis, a imaginação tende a ser liberta e as possibilidades de invenções de jogos são, praticamente, infinitas. As modalidades podem envolver, não apenas os jogos de ação, como o Pokémon Go e o Father.IO (figura 3) – que é um jogo de caça e captura formado por times –, mas também outros de raciocínio, como, por exemplo, quebra-cabeças tridimensionais (figura 4).

Outro exemplo de jogo que utiliza a RA, e que tende a complementar o sentido referente às possibilidades de aplicações dessa tecnologia, pode ser apontado no Beer Invaders (figura 5). Nesse caso, a tecnologia não é direcionada

a espaços livres, mas à pequenos volumes, como uma lata de cerveja. Após baixar e instalar o aplicativo, o usuário o aponta para um QR Code presente na embalagem da lata e já pode começar a jogar.

É interessante destacar que alguns programas podem projetar a RA sobre qualquer tipo de superfície, como uma roupa, por exemplo (figura 6). Observa-se a versatilidade da tecnologia e o amplo espectro da sua usabilidade.

Alguns jogos que abordam temáticas históricas tendem a proporcionar um sentido educativo, além do recreativo. O Knightfall (figura 7) pode ser jogado em qualquer superfície nivelada na horizontal, como uma mesa, por exemplo.

Em relação à dimensão artística, voltada às intervenções urbanas, a RA associada à tecnologia GPS permite sobrepor novas percepções e condições à paisagem da cidade. Nesse sentido, pode-se apontar intervenções em fachadas de edifícios. As intervenções vão desde novos cenários, até a modificação de cores e inserções de pequenos movimentos em grafites (figura 8).

Com a tecnologia proposta, acredita-se que a RA pode estimular o envolvimento da comunidade. Propõe-se um espaço democrático não apenas para profissionais de destaque, mas também para o usuário doméstico, que pode contribuir com a sua

Figura 7 - Jogo Knightfall. Usado em mesas e em outras superfícies dentro de casa.



Fonte: <https://www.independent.co.uk/extras/indybest/gadgets-tech/video-games-consoles/augmented-reality-games-ar-android-ios-apple-google-play-tech-a8506831.html>. Acesso em: 04 nov. 2021

Figura 8 - Intervenções artísticas em fachadas



Fonte: <https://www.instagram.com/augmentedxreality/>. Acesso em: 04 nov. 2021

visão e releitura de locais específicos das cidades. Uma forma também de apropriação do espaço público. Concursos podem ser colocados e organizados, tanto pelo poder público, quanto por empresas privadas.

Ao mesmo tempo, enquanto uma tecnologia direcionada à aprendizagem e à memória – a sobreposição de um ambiente digital educativo –, propõe-se a visualização de informações relacionadas a edificações tombadas. Pequenos textos explicativos e imagens interativas podem incentivar a aprendizagem e o compartilhamento de conhecimentos.

Sublinha-se que essa ideia está em consonância com as sobreposições de fotografias estáticas antigas promovida pelo Museu de Londres⁵ (TOMÁS, 2020); o projeto Scriptorama⁶ (PAPATHANASIOU-ZUHRT, 2019) e Rio Street Museum⁷ (PRATA, 2017), no que diz respeito à roteirização e disponibilização de informações históricas e turísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia RA tem um potencial de integração voltado às relações humanas, pela interatividade e a participação com jogos, brincadeiras e intervenções artísticas. Pode promover uma apropriação e um reconhecimento diferente do lugar, assim como, incentivar o imaginário, a educação e a

sensação de bem-estar, dentro de um pensamento mais otimista.

Ao mesmo tempo, podem contribuir a ocupação e uso dos espaços públicos diminuindo, assim, a subutilização; um dos fatores de degeneração de praças e ruas, por exemplo.

Pela camada digital proposta, que se aproxima ao conceito de metassistema – “uma nova camada da Internet, uma Camada de Identidade, que pode complementar as redes de camadas existentes para adicionar um novo tipo de funcionalidade” (LESSIG, 2006, p. 50, tradução nossa)⁸ – certas características locais socioculturais podem ser evidenciadas por empresas privadas ou por entidades públicas de maneira colaborativa, assim como, compartilhadas globalmente pela internet.

Todavia, deve-se ter a consciência de que o que foi pontuado nesta proposta não é suficiente para mitigar todos os problemas sociais e econômicos de grandes centros urbanos, nem era essa a finalidade. O objeto de estudo deste trabalho tende a ser um possível primeiro passo em direção a oferecer uma condição social de bem-estar – talvez ajudada por uma integração entre o universo digital e o real –, para então, melhorar efetivamente a qualidade de vida nas cidades contemporâneas.

Sobretudo, tem-se que as tecnologias devem aproximar as pessoas. Em um sentido virtual, isso é evidente, conforme demonstra o próprio vídeo de apresentação da Meta. Mas, procura-se evidenciar o outro lado: as relações humanas em espaços e em condições físicas.

Faz-se necessária uma ação em conjunto entre os setores governamentais, empresariais, tecnológicos, acadêmicos e a sociedade civil para que seja possível viabilizar tecnologias, como a RA, com finalidades sociais e culturais, complementando, mas também ampliando, as que foram pontuadas aqui.

Visualiza-se que o fator de aceitação e de incorporação de tecnologias no cotidiano das pessoas requer experimentações de cunho empírico, mas também, inter-relacionadas com variáveis subjetivas e distintas de cada localidade, população e cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BARANOWSKI, T.; LYONS, E. J. **Scoping review of Pokémon Go**: comprehensive assessment of Augmented Reality of physical activity change. Games for health journal. [S.l.], v. 9, n. 2, 16 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.liebertpub.com/doi/abs/10.1089/g4h.2019.0034>> Acesso em: 04 out. 2021.

BERTALANFFY, Ludwig von. **General System Theory**. New York: George Braziller, 1969.

BUENO, S.; GALLEGO, M. D.; NOYES, J. **Uses and gratifications on Augmented Reality games**: an examination of Pokémon Go. Applied Sciences. [S.l.], v. 10, n. 5, 2020. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2076-3417/10/5/1644>> Acesso em: 04 out. 2021.

CALLEFI, M. H. B. M.; MIOTTO, J. L.; CAMPOS, J. F.; RAMOS, D. V.; MACHADO, A. F.; REGHIN FILHO, J. R. A temática das cidades sustentáveis no Brasil. In: **X EPCC - ENCONTRO INTERNACIONAL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA**, 2017. Maringá, Paraná, 24-26 out. 2017. Disponível em: <<http://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/1402/1/epcc--79625.pdf>> Acesso em: 03 out. 2021.

CUPERSCHMID, A. R. M.; MONTEIRO, A. M. R. G.; RUSCHEL, R. C. **Desenvolvimento de aplicativo de realidade aumentada para uso em projeto participativo de áreas de lazer**. Educação Gráfica, Bauru, v. 20, n. 3, p. 44-63, 2016. Disponível em: <<http://www.educacaoografica.inf.br/artigos/desenvolvimento-de-aplicativo-de-realidade-aumentada-para-uso-em-projeto-participativo-de-areas-de-lazer-augmented-reality-application-development-for-use-in-participatory-design-of-leisure-areas>> Acesso em: 29 set. 2021.

FLORÊNCIO JÚNIOR, Públio; PAIANO, Ronê. **Isolamento social**: consequências físicas e mentais da inatividade física em crianças e adolescentes. RBAFS, v. 25, p.

GALLARDO FRÍAS, L. **Lugar y arquitectura**. Reflexión de la esencia de la arquitectura a través de la noción de lugar. Arqitekturarevista, v. 9, n. 2, p. 161-169, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/40a6/779a7d1890c7dd2ca2a2da80d582fdfa43be.pdf>> Acesso em: 05 set. 2021.

JAVORNIK, Ana. **The mainstreaming of Augmented Reality**: a brief history. Harvard Business Review, 04 out. 2016. Disponível em: <<https://hbr.org/2016/10/the-mainstreaming-of-augmented-reality-a-brief-history>> Acesso em: 04 out. 2021.

LACERDA, Norma. **O campo do planejamento urbano e regional**: da multidisciplinaridade à transdisciplinaridade. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 15, n. 1, p. 77-93, 2013. Disponível em: <<https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/4171/4055>> Acesso em: 05 out. 2021.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. **Um sistema de espaços livres para São Paulo**. Estudos Avançados - Revista do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, n. 71, p. 159-174, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10604>> Acesso em: 29 set. 2021.

LESSIG, L. **Code**: version 2.0. New York: Basic Books, 2006.

MENEZES, M. L. **Crise e a crise no/do espaço público**. Revista de Geografia - PPGEU - UFJR, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/geografia/article/view/18109>> Acesso em: 01 out. 2021.

PAPATHANASIOU-ZUHR, D.; THOMAIDIS, N.; DI RUSSO, A.; VASILE, V. **Multi-sensory Experiences at Heritage Places**: SCRIPTORAMA, The Black Sea Open Street Museum. In: VASILE, V. (ed.) CARING AND SHARING: THE CULTURAL HERITAGE ENVIRONMENT AS AN AGENT FOR CHANGE. Anais Springer Proceedings in Business

and Economics. Istanbul, Turquia, 2019. p. 11-49. Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-89468-3_2> Acesso em: 04 out. 2021.

PRATA, Renan; LOVISOLO, Lisandro. Rio Street **Museum**: viabilizando um museu a céu aberto na cidade do Rio de Janeiro. Cadernos do IME - Série Informática, Rio de Janeiro, v. 39, p. 23-35, 2017. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadinf/article/view/33147/26913>> Acesso em: 04 out. 2021.

PRONOVOST, Gilles. **Lazer, qualidade de vida e direitos sociais**: as ciências do lazer em busca de legitimidade. LICERE - UFMG, v. 21, n. 3, p. 367-385, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1873>> Acesso em: 04 nov. 2021.

ROSSI, A. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TORRES, V. S.; ALMEIDA, C. C. O. de. **Espaços (públicos) livres urbanos: a importância dos parques (de lazer) urbanos**. Administração de Empresas em Revista, [S.l.], v. 4, n. 18, p. 164-191, 2020. Disponível em: <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/admrevista/article/view/2358/371372436>> Acesso em: 03 out. 2021.

ARQUITETURA BIOFÍLICA & QUALIDADE DE VIDA

identificando espaços restauradores

Eduardo Munhoz de Lima Castro

ARQUITETURA BIOFÍLICA E QUALIDADE DE VIDA

Esta investigação tem como tema a **arquitetura biofílica**, elegendo a **praça** como objeto físico de pesquisa, procurando reunir **padrões de comportamento da relação do usuário com o ambiente** a fim de **identificar a arquitetura de espaços restauradores**.

Foram escolhidas ambiências de forma empírica para, a partir destas, de acordo com a categoria biofílica da **natureza no espaço**, identificar padrões nela referenciados, incluindo algumas hipóteses sensoriais.

Devido à **complexidade** de se estabelecer uma matriz da relação do ambiente com a reação neurocerebral do indivíduo, as descrições das imagens ocorreram também de forma empírica.

A **vida** na região metropolitana da cidade de **São Paulo** é marcada pelo estigma da **sociedade do cansaço**, onde o indivíduo é levado a **fatores estressores** que agem de várias formas sob o organismo, impactando em **baixa qualidade de vida**. Soma-se ao estresse os aspectos psicológicos que surgem do confinamento imposto pela **COVID-19**.



Vida agitada da cidade.
Pessoas entre trânsito, compromissos, cumprimento de horário, rotina.

Foto Andre Borges, 2015

Fatores estressores sugerem **ambiências biofílicas**.

Marques de Sá (2018, p.30) descreve três categorias para análise biofílica, sendo a **natureza no espaço** o viés a ser registrado neste estudo. Trata-se da *“presença direta, física e efêmera da natureza em um espaço, incluindo a vegetação, animais, fluxos sonoros, olfativos, de água e ar. Predominam a diversidade, o movimento e as interações multissensoriais. [...]”*



Elementos naturais, biofílicos
A contemplação estabelece reequilíbrio emocional

Foto Eduardo Munhoz

O **design biofílico** tem como base “*criar espaços inspiradores para a restauração do corpo e da mente, que estejam integrados às especificidades e ecossistemas urbanos e naturais do local de sua construção*”. (MARQUES DE SÁ, 2018, p.30)



Praça Visconde de Souza Fontes - Mooca – SP
Biofilia, amplitude do espaço, sol, liberdade, elementos naturais, espaços de descanso, entre outros elementos, fazem deste lugar um exemplo de biofilia aplicada

Foto Eduardo Munhoz

A velocidade do mundo contemporâneo em sua pressa pelo fazer e o imediatismo do agora, faz com que o indivíduo deixe de aproveitar novas sensações e experiências todos os dias. **Sentir** é parte da natureza humana - o calor do sol, o vento, a umidade, o cheiro da vegetação, entre diversas outras experiências.

Em uma **sociedade do cansaço** justifica-se a necessidade de se ter acesso a ambientes que sejam espaços restauradores, que venham a contribuir para qualidade de vida.



Vida agitada da cidade de São Paulo - Av. Paulista
Mesmo em um dia de domingo, antes da pandemia, concentração de pessoas na tentativa de se desestressar em uma falsa ilusão de espaço natural

Foto Eduardo Munhoz



No meio urbano, as **idades** precisam estar conectadas com seus **habitantes** trazendo elementos que constituam **espaços acessíveis, seguros, inclusivos, intergeracionais** a fim de proporcionar **bem estar psíquico regenerador**.
Sob esse viés a **praça** possui elementos materiais e intangíveis para **restauração do ser holístico**, contribuindo para a **qualidade de vida** do usuário, tornando-se um espaço restaurador aos estímulos excessivos do dia a dia, **regenerando a capacidade emocional e funcional do indivíduo** comprometida pela demanda cotidiana.

Entrincheirada em uma diferença de nível e espremida entre residências e ruas, a Praça Cristá, em Ermelino Matarazzo, surge com uma ambiência biofílica, um lugar de refúgio, diminuindo a aridez da região.

Lugar: um espaço vivido, de **experiências**, da relação do corpo com o meio físico, com cheios e vazios. O lugar não se restringe à matéria concreta,, apesar de se constituir por elementos que o materializa.

Um campo de relações humanas, tangíveis e intangíveis, concretas, onde os **sentidos** são explorados e algumas vezes despertados.



Um lugar, um refúgio, um caminho
Praça Cristá em Ermelino Matarazzo

Foto Eduardo Munhoz

Para que se permita uma **diminuição do estresse** a essas situações o indivíduo necessita estar cercado por **elementos naturais** que oportunizem uma **percepção de bem estar**, diferentemente da situação encontrada no meio urbano (ULRICH apud SILVEIRA; FELIPPE; SCHUTZ, 2019).

Espaços públicos como a **praça**, possuem **atributos biofílicos** que contribuem para o **equilíbrio emocional** e **restauração do indivíduo** de forma holística e torna-se uma fator para a **qualidade de vida**.



Praça Visconde de Souza Fontes - Mooca – SP
Biofilia, iluminação natural, densa vegetação, terra, umidade,
sociabilidade , espaços de descanso

Foto Eduardo Munhoz



Sociabilidade.

Praça Dr. Sampaio Vidal – Vila Formosa - SP
A sociabilização em meio ao ambiente com estímulos naturais
auxilia no bem estar no indivíduo

Foto Eduardo Munhoz

Aspectos biofílicos da Praça Dr. Sampaio Vidal
Vila Formosa – SP

Contemplação.
Local para caminhadas, estimula serotonina.
Predomínio de idosos.
Relaxamento.
Inspira segurança.
Congelamento da rotina
Restauração do “ser”.
Estímulo dos sentidos.
Sociabilidade, encontros, conversas.
Boa vegetação, diminui a sensação de calor.



Praça Dr. Sampaio Vidal – Vila Formosa - SP
Contemplação

Foto Eduardo **Munhoz**

A photograph of a park with a paved path, trees, and a person pushing a stroller. The path is wide and paved, leading through a lush green area with many trees. A person in a white shirt and dark shorts is pushing a stroller away from the camera. In the background, there are more trees and a building. The scene is bright and sunny.

Aspectos biofílicos da Praça Visconde de Souza Fontes
– Mooca – SP

Multiplicidade de atores, sejam idosos, jovens, crianças.

Local para caminhadas, estimula serotonina. Combate os efeitos negativos do estresse.

Aspecto visual acalma.

Inspira segurança.

Possui espaços para contemplação - congelamento da rotina - restauração do “ser”.

Caminhos definidos - rotas funcionais.

Estímulo dos sentidos.

Sociabilidade, encontros, conversas.

Relaxamento da tensão muscular.

Densa vegetação, animais, fluxos sonoros positivos, iluminação natural, boa qualidade do ar, terra, animais.

BULA, N. N; ALMEIDA, M. M. Pensando o projeto a partir das sensações. In: **Anais do 15º Ergodesign & Usihc**. São Paulo: Blucher, 2015, p. 1509-1511. Disponível em: <<https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/pensando-o-projeto-a-partir-das-sensaes-19101>>. Acesso em 14 nov 2021.

CASTRO, E. M. L; CORREA, M. **Vida urbana em tempos de covid:** a relação entre espaço e indivíduo. In: 50 AÑOS DEL TALLER TOTAL. 5o. Encuentro Internacional la Formación Universitaria y la Dimensión Social del Profesional: hábitat, ciudadanía y participación. Córdoba: Editorial de la Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño de la Universidad Nacional de Córdoba, 2021, p. 170-180.

CHIERRITO-ARRUDA, E; et al. Environmental perception and affectivity: experiences in a community garden. **Ambiente & Sociedade**, v. 21, nov 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc0123r2vul18L3TD>>. Acesso em 10 nov 2021.

CORBANEZI, E. R; HAN, B. C. Sociedade do cansaço. **Tempo Social**, v. 30 n. 3, p. 335-342, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.141124>.

HALL, E. T. **A dimensão oculta**. Rio de Janeiro.: Editora Francisco Alves, 1977.

KATUTA, A. M. Representação do espaço vivido, percebido, imaginário e concebido. **Boletim de Geografia**, v. 19, n. 2, jul 2011. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/14088>>. Acesso em 13 nov 2021.

PAIVA, A. Abordagem para categorizar os efeitos da arquitetura no cérebro. **Neuroau**. 5 nov. 2020. Disponível em <<https://www.neuroau.com/post/anfa-2020-abordagem-para-categorizar-os-efeitos-da-arquitetura-no-cerebro>>. Acesso em 10 nov 2021.

PALLASMAA, J. **Essências**. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

_____. **Os olhos da pele:** a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre, Bookman, 2011.

PELICIONI, M. C. F. Educação ambiental, qualidade de vida e sustentabilidade. **Saúde e Sociedade**, v. 7, n. 2, p. 19-31, 1998. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12901998000200003>>. Acesso em 10 nov 2021.

PEREIRA, E. F; TEIXEIRA, C. S; SANTOS, A. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 2, p. 241-250, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1807-55092012000200007>>. Acesso em 14 nov 2021.

SÁ, A. M. **Design, inovação e estratégias naturais:** aplicações de princípios biomiméticos e biofílicos em projetos criativos. Universidade de Brasília. 2018. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/profile/Alice-Marques-De-Sa>>. Acesso em 15 nov 2021.

SILVEIRA, B. B; KUHNEN, A. Psicologia ambiental e saúde na relação pessoa-ambiente: uma revisão sistemática. **PSI UNISC**, v. 3, n. 1, p. 89-105, 2019. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/12523> Acesso em 10 nov 2020.

SILVEIRA, B. B.; FELIPPE, M. L.; SCHUTZ, N.T. Ambientes restauradores: conceitos e definições. In: **Ambientes restauradores: conceitos e pesquisas em contextos de saúde**. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <<https://lapam.cfh.ufsc.br/>>. Acesso em 03 nov. 2020.

ULRICH, R. S.; et al. Stress recovery during exposure to natural and urban environments. **Journal of Environmental Psychology**. V. 11, n. 3, p. 201-230, 1991. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/S0272-4944\(05\)80184-7](https://doi.org/10.1016/S0272-4944(05)80184-7)>. Acesso em 28 out 2020.

Crédito das imagens:

Fotos de autoria do autor do artigo, exceto a imagem noturna creditada abaixo.

Andre Borges. Via W3 Sul, Brasília. 2015. Disponível em <<https://shre.ink/1Sal>>. Acesso em 10 ago 2022.

ARQUITETURA BIOFÍLICA E QUALIDADE DE VIDA

O homem sempre esteve **ligado a elementos naturais**, afinal, essa é sua origem. Distanciar-se da natureza traz riscos à saúde, ao bem estar, impactando na qualidade de vida.

Estimular os sentidos de forma positiva **desperta reações químicas** no corpo necessárias ao indivíduo.

A **biofilia** possui conceitos que a arquitetura pode se apropriar ao **propósito do bem estar** para uma **qualidade de vida**, abrindo espaço para criação de ambiências que **regeneram o “ser”**.

POR UM ENSINO PARA ALÉM DOS MUROS

Franklin Roberto Ferreira de Paula

O desejo por uma escola sem paredes é o tema que serve de pretexto para que o pedagogo Moaci Carneiro publique um livro de poemas em que defende uma escola pautada em um ensino mais humanista e que seja capaz de romper com o atual sistema que se coloca predominantemente nas salas de aula de maneira autoritária, e gera um cenário de impessoalidade e massificação do ensino. Segundo Carneiro (2002) no "quase" prefácio- como o próprio autor denomina -, do seu livro:

A escola sem paredes situa-se no horizonte da utopia de cada um. Quem procurar por aí essa escola, provavelmente jamais a encontrará. No entanto, ela existe dentro de cada um de nós, no invisível panorama íntimo de nossos corações.

A colagem proposta para a disciplina Espaço público e qualidade de vida na cidade contemporânea não tem a pretensão de traduzir em um estudo iconográfico a intenção de uma escola sem paredes a partir do imaginário narrado por Carneiro, mas, paralelamente ao texto do pedagogo e a outras referências, intenciona refletir sobre o espaço escolar a partir da leitura de uma escola pública, tida aqui como um estudo de caso, inserida em um território existente.

O território em questão é o Conjunto Habitacional São Miguel Paulista E, também conhecido como Encosta Norte, localizado no extremo da Zona Leste 2 da capital paulista. O Encosta Norte abriga em toda a sua área onze escolas públicas, sendo uma delas a

EMEF Jurandi Gomes de Araújo situada numa condição topográfica privilegiada, numa das cotas mais elevadas do sítio de onde se desvela uma parcela do conjunto habitacional.

O projeto padrão da escola, visto em outras escolas públicas tanto da região quanto do município em sua totalidade, segue a volumetria da "caixa de leite", um monovolume de térreo mais quatro pavimentos implantado em um terreno de geometria desafiadora (como acontece com a maioria das escolas), numa condição de isolamento quase que completo em relação a seu entorno.

O momento de maior contato de dentro com aquilo que está ao seu redor se dá pelas grades que compõem a fachada de acesso ao terreno. A EMEF Jurandi Gomes de Araújo reproduz uma condição típica de isolamento do edifício escolar do seu entorno ao considerar que boa parte dele é delimitado por muros além do gradil, fazendo com que as relações físicas, sociais e culturais aconteçam de maneira demasiada tênue com aquilo que está ao seu redor.

O resultado dessa ruptura decorrente da naturalização de uma situação não benéfica é a criação de um cenário de enclausuramento para as crianças que estudam nessas escolas bem como de ruas e entorno imediato com a sensação de abandono, sobretudo em horários em que as escolas não funcionam e

principalmente em territórios de vulnerabilidades como no caso do Encosta Norte.

Na contramão do isolamento, a proposta da colagem provoca a abertura da escola para a comunidade com o intuito de que laços entre a população e este equipamento sejam estabelecidos e consolidados. Abrir a escola para a comunidade pode significar o deslocamento das crianças para o lado de fora, para um território de possibilidades de aprendizado, bem como a comunidade para o lado de dentro da escola, de modo que a potencialidade do equipamento seja explorada não apenas pelos alunos e funcionários, mas também por aqueles que buscam um desenvolvimento pessoal assim como contribuir de alguma maneira com a formação dos alunos.

Para tal, grades e muros foram apagados e a rua deixou de ser uma via de passagem de veículos e passou a ser a extensão da escola com uma paginação vermelha do projeto Superkilen Park dos escritórios BIG, Topotek 1 e Superflex (Dinamarca, 2012). Brinquedos (em vermelho, uma das folies projetadas por Bernard Tschumi para o projeto do Parc de la Villette, 1987), cores (mural Coexistência – memorial da fé por todas as vítimas da Covid, Kobra, São Paulo, 2021), balões (Instant City, Archigram, 1968), compõem a nova paisagem que se constrói e estão à disposição dos alunos e de todos que quiserem usufruir deles. Um novo equipamento (MUSEVI,

Enrique Norten / Ten Arquitectos, México, 2010) ao fundo da escola se projeta em direção à paisagem e funciona como um mirante.

Nessa nova condição, a escola se assume como uma edificação que contribui com a construção de uma paisagem mais humana. Na contramão, a escola também pode ser lida como fruto de uma construção coletiva em que a comunidade tem a chance de se apropriar deste espaço, transformando-o em um lugar repleto de experiências, trocas, afetos.

Assim sendo, a escola assume e tem o seu poder de transformação da paisagem potencializado com grandes chances de qualificar o espaço ao seu redor.



EMEF Jurandi Gomes de Araújo

Foto Franklin Ferreira



POR UM ENSINO PARA
ALÉM DOS MUROS

Referências bibliográficas:

CARNEIRO, Moaci. **A escola sem paredes**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

Crédito da imagem e da colagem: Franklin R. Ferreira de Paula

CORPO

ARTE

CIDADE

uma reflexão sobre
práticas artísticas atuando
como micro-resistências
aos processos de
espetacularização das
cidades contemporâneas

Gêgela Penarotti de Lima

CORPO ARTE CIDADE
PRÁTICAS ARTÍSTICAS
E MICRORESISTÊNCIAS

Torna-se cada vez mais necessário discutir e refletir criticamente sobre questões que envolvem a relação da arte com o corpo - especialmente no contexto da preocupação com qualidade de vida nas cidades contemporâneas - e do corpo com o seu entorno - seja ele um lugar destinado à educação formal em arte, sejam os espaços urbanos coletivos.

Tais questões têm sido alvo de intensos debates devido à relevância no contexto contemporâneo. Por isso, surge a proposta de debater práticas artísticas nas cidades contemporâneas e realizar uma reflexão sobre as questões discutidas ao longo do segundo semestre de 2021 no desenrolar da disciplina “Espaços Públicos e Qualidade de Vida nas cidades Contemporâneas”, em estudos que serão aprofundados durante a pesquisa de doutorado.

Para tratar da relação arte, corpo e cidade, e de como esses três fatores podem-se entrelaçar desenvolvendo relações de complementaridade e, ao mesmo tempo, de tensão e conflitos - utilizamos os conceitos defendidos por Paola Berenstein Jacques (2008), quando afirma que é possível realizar uma crítica ao processo de espetacularização das cidades (a ideia de cenografia, em que as cidades se tornam cada vez mais padronizadas, homogeneizadas e esvaziadas de suas dinâmicas e cultura próprias em detrimento da ação de grandes corporações, cujo objetivo principal sejam questões políticas e econômicas), sendo esse um dos grandes responsáveis pelo empobrecimento e diminuição das experiências sociais e corporais dos indivíduos em espaços públicos.

Nesse sentido, é possível considerar a experiência artística como uma forma de micro resistência a esse sistema e ao processo que também pode ser conhecido por outras nomenclaturas, tais como cidade-cenário, cidade-museu, cidade-shopping center, cidade-parque entre outros, sendo formas distintas para se referir a mercantilização das cidades, o que segundo Paola Berenstein Jacques, pode ser visto como um pensamento único e consensual, inseparável das estratégias de marketing que constroem consensos urbanos contemporâneos. Nesse campo de conflitos e resistências, a arte atua com um papel catalisador entre as relações corpo-cidade, entre o corpo humano e espaço

público. Sendo o corpo entendido como uma forma de resistência ao processo de espetacularização contemporânea, a arte teria esse papel de ação dissensual, uma experiência sensível capaz de suscitar discussões e por meio da qual conflitos escondidos podem ser expostos. Seria a arte atuando com o propósito de ocupar e se apropriar de espaços públicos, a fim de provocar as imagens pacificadas que as ações de espetacularização das cidades buscam forjar. Nota-se, então, o poder que as práticas artísticas de intervenção corporal podem exercer na problematização do espaço público e até mesmo do espaço museológico, também pacificado.

Para exemplificar, menciona-se a obra de Hélio Oiticica, artista que realizava experiência artística no espaço urbano, utilizando conceitos relacionados à incorporação do corpo na obra de arte e da obra de arte no corpo.

Oiticica trabalha com diversas formas de realizar essa integração por meio de obras como os parangolés - um conjunto de obras que, segundo o artista, nasceram de “uma necessidade vital de desintelectualização, de desinibição intelectual, da necessidade de uma livre expressão”. A ideia é dar ao público a oportunidade de se transformar em participante ativo na obra e não mais um espectador passivo. Nesta ação, o espectador veste a obra e então ela ganha vida, em uma relação de auto-criação, de expansão das

sensibilidades.

Os parangolés, portanto, ao trabalhar justamente a questão da incorporação do corpo na obra de arte e da obra de arte no corpo, podem ser considerados como uma expressão artística que atua na micro resistência, amplificando e potencializando zonas de conflito que produzem debates e reflexões acerca da relação das pessoas com seu entorno e sua cidade. Ativa assim práticas urbanas que lutam contra as práticas do marketing que homogenizam e padronizam tudo a seu redor, de acordo com os interesses políticos e econômicos como as ações de espetacularização das cidades.

Oiticica também transpassou esses mesmos conceitos para a escrita. Entre os anos de 1971 e 1978 o artista morou em Manhattan, Nova York e, neste período, produziu alguns textos escritos e poesias às quais deu o nome de Babylon. Porém a publicação de tais textos nunca se concretizou. Durante o processo, o artista alterava tanto a forma quanto o conteúdo por diversas vezes, permanecendo sempre em constante transformação ao longo dos anos.

Para finalizar, selecionamos fragmentos de textos escritos por Helio Oiticica em outubro de 1968. Trata-se de um manifesto violento em que diz “chega.” para “artistas, exposições, livros, filmes”, anunciando que era preciso “aniquilar quem nos oprime.”

A leitura se posiciona como um convite à ação que extrapola a arte estabelecida, tão característico da obra do artista, e em consonância com o papel ativo da arte, que extrapola a ação contemplativa e convida para uma ação colaborativa emblemática.

27 out. 73

MUNDO – ABRIGO →

ABRIGO – GUARIDA:

chegada gradativa a uma *experimentação coletiva*

o dia a dia experimentalizado

não exclue → dirige-se ao q é vida

a opção individual é a única

q pode optar pelo experimentar como exercício livre

explorar

SOLTO DAS AMARRAS

da terra-terrinha

do objeto e da necessidade

da produção de objetos de arte para resolver o q é conflito

na relação sujeito-objeto

da imagem

da literacy do homem letrado

do role social obrigatório

9. MUNDO como *campo experimental* significa: experimental como exercício para um tipo de comportamento-plenitude q ao menos tenda a uma estrutura de *lazer como prazer oposta à atual de lazer como dessublimação programada q sustenta períodos–horas de trabalho–produção alienado*

CORPO ARTE CIDADE
PRÁTICAS ARTÍSTICAS
E MICRORESISTÊNCIAS

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Cenografias e Cartografias Urbanas, in: **Caderno do PPG-AU FAU-UFBA**, n. especial Paisagens do Corpo, Salvador 2008.

CERA, Flávia Letícia Biff. **Arte-Vida-Corpo-Mundo, segundo Hélio Oiticica**. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2012.

COELHO, Frederico Oliveira. **Livro ou livro-me: os escritos babilônicos de Hélio Oiticica (1971-1978)** Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

PEDROSA, Adriano; MORA, Rodrigo. **Arte-vida**. Catálogo. Rio de Janeiro: Cobogó, 2015. 464 p. ilus. col. 19x23,5 cm.

OITICICA, Helio. **Conglomerado Newyokaises**; organização Cesar Oiticica Filho e Frederico Coelho. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

A CIDADE E A MEMÓRIA QUE ELA MERECE

crítica a uma sociedade que não
valoriza seu patrimônio, um manifesto

Jaqueline Fernández Alves

a memória nos situa no tempo e no espaço. e a falta dela produz um vazio, um retrocesso.

O patrimônio ambiental urbano está sendo muito maltratado. A ideia da preservação do patrimônio histórico traz consigo uma relevante responsabilidade: a da cidade que cuida dela mesma.

O patrimônio histórico está mal cuidado, mal conservado e, quando as relações entre memória coletiva e memória individual não são explícitas, a destruição se consolida. O cidadão não reconhece e não se identifica com a própria memória.

O patrimônio não é devidamente reconhecido pelo cidadão, que entende que sua preservação é dever único e exclusivo do Estado.

O patrimônio não tem políticas públicas eficientes, a legislação não é cumprida e quem deveria receber o bônus da preservação recebe apenas o ônus.

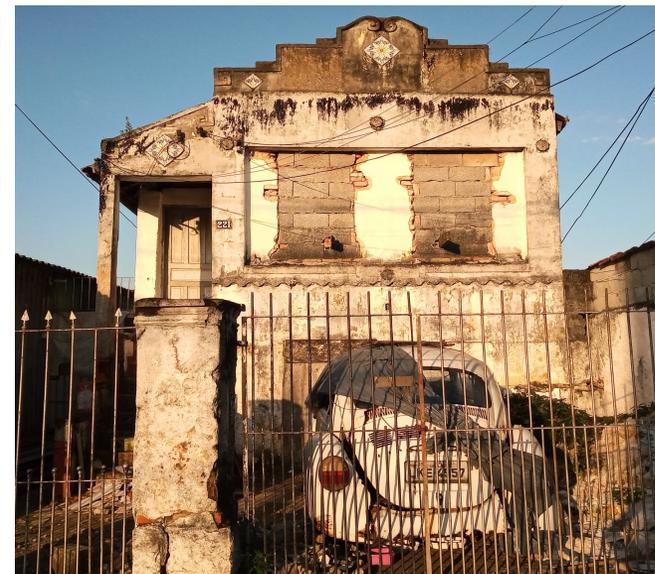
como anda a formação dos profissionais? a informação correta, a solução adequada.



Ninguém valoriza o que não reconhece. Uma relação de pertencimento: mecanismo dos processos de identidade que nos situa no espaço, assim como a memória nos situa no tempo.

Duas coordenadas que balizam nossa existência.

pragmatismo?



A democracia garante os direitos e acesso. A república, finalidade e responsabilidade. A cidadania deveria ser obrigatoriamente democrática e republicana, e instaurar os direitos e as correspondentes obrigações.

quando não se conserva não se preserva



O sentimento de pertença cria as identidades culturais entre o individual, o coletivo, o lugar, a diversidade e a subjetividade das práticas culturais; a nova versão possível de proteção da nossa memória está no viés do intangível.

identidade ?



Certamente é inevitável que as transformações de uma cidade e a demolição de uma casa incomodem alguns indivíduos em seus hábitos, os perturbem e os desconcertem. O morador de rua que se instala em um local menos controlado, o cego que se localiza na cidade. O homem a passeio lamenta a perda da alameda onde costumava tomar ar fresco e se aflige ao ver desaparecer mais um detalhe pitoresco que o ligava a esse quarteirão.

quando não se conserva não se preserva

“Caberia ao pesquisador, para entender de modo mais sistemático o campo dos patrimônios e dos museus, dedicar tanta atenção às práticas de preservação quanto ao seu avesso, as práticas de destruição, as quais acompanham as primeiras como uma sombra. Se assim procedermos, é possível perceber que a noção mesma de “identidade” não apresenta de fato a estabilidade e a coerência que muitas vezes lhes é atribuída. [...] No plano individual ou coletivo, somos, antes de tudo, o que esquecemos e descartamos.”

pandemia, experimento urbano do século XXI

Durante a pandemia, o espaço público passou a ganhar novas percepções em decorrência da necessidade de isolamento social e a impossibilidade de usufruir desses espaços, alterando de maneira súbita todo o comportamento do fluxo de pessoas, de veículos, de serviços, da maneira de comprar, de vender, de viver e de morar e de preservar. O que antes não se conservou tratou de se efetivar como insalubre, irreversível, irreparável.

a subversão salvará o patrimônio subvertido

O objetivo deste arquivo em forma de manifesto, foi incitar alguma reflexão sobre a destruição da cidade, mas sob o ponto de vista de quem é especialista na aérea, de quem detém o conhecimento, que participa da elaboração de políticas públicas de preservação, de quem profere palestras, instrumentaliza jovens profissionais a atuar na área e que mesmo assim ainda assiste a destruição da cidade.

A intenção foi pincelar a realidade e subverter as ações.

Portanto, o que se tentou foi elaborar uma crítica às já conhecidas ações da preservação, que não estão sendo efetivas, já que nunca se viram as cidades tão tristes.



Então, como se pudesse ser verdade, criou-se uma série lambe-lambe, importante instrumento gráfico popular de disseminação de informação.

Quem sabe subvertendo as funções não se consegue um olhar que seja no mínimo renovador ?



**SINDROME DO
TRANSTORNO
BIPOLAR:
ACHO LINDO
EM FOTO MAS
SE TÁ FEIO
DEMOLE!**



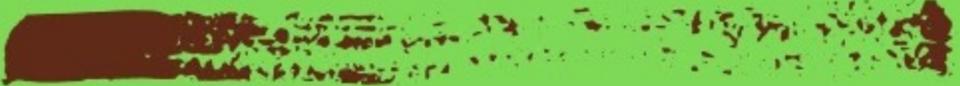


HISTORICO OU ANTIGO





TOMBA OU DESTOMBA





PÚBLICO
OU
PRIVADO



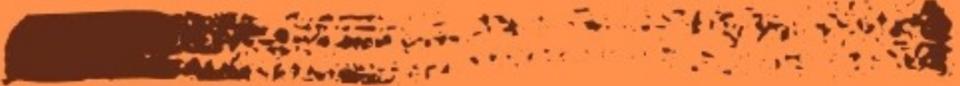


LAMENTO OU LUTA





AÇÃO
OU
REAÇÃO





**VALOR DE TROCA
OU
VALOR DE USO**



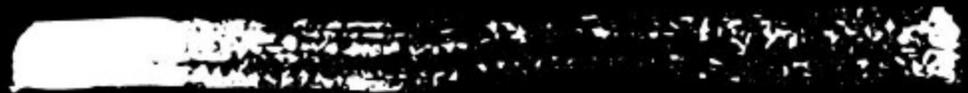


**PRESERVA
OU
PÕE NO CHÃO**





PRESERVE



DIDI-HUBERMAN, Georges. **Remontagem do Tempo Sofrido**. Tradução Marcia Arbex e Vera Casa Nova. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **O Campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/4%20-%20MENESES.pdf>>

_____. O Patrimônio Cultural entre o Público e o Privado. In: **O Direito A Memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo. DPH: 1992

FLUXOS

percepções do espaço público durante
a pandemia da COVID-19

Rayssa Peixoto Mendes

A pandemia da Covid-19 tem se mostrado um **experimento urbano** sem precedentes, reverberando, ainda que em modos e intensidades diferentes, nosso modo de **perceber e viver o espaço público**.

Durante a pandemia, o espaço público passou a ganhar **novas percepções** em decorrência da necessidade de isolamento social e da impossibilidade usufruir desses espaços, alterando de maneira súbita o **comportamento do fluxo** de pessoas, veículos, serviços, da maneira de comprar, vender, viver e morar.

Tal fato evidencia a urgência de atenção para questões de planejamento urbano que já existiam e eram negligenciadas. Neste sentido, a pandemia pode ser tomada como um **catalisador de mudanças** a longo prazo na **produção do espaço público**.

O presente trabalho, através da **observação de fluxos**, buscou materializar **percepções do espaço público** durante a pandemia da Covid-19 através de registros fotográficos realizados em novembro de 2021 na cidade de São Paulo.

É vivenciando a **dinâmica destes espaços** que se torna possível **transformá-los em lugares**. Nesse sentido, a qualidade do espaço público pode ser avaliada, sobretudo pela sua intensidade e qualidade dos relacionamentos que facilita, pela sua força, e por misturar grupos e comportamentos (BORJA, 2007). O desafio se configura em tentar entender que comportamentos ou cenários serão refeitos e que mudanças as nossas cidades apresentarão no período pós-pandemia.

FLUXOS



A cidade que renasce.

Minhocão, São Paulo | Foto: Rayssa Mendes

FLUXOS

O isolamento social promoveu a flexibilização de diversas atividades que a cidade desempenha, interferindo intensamente o fluxo de pessoas para os mais diversos motivos e, conseqüentemente a diminuição do número de veículos nas ruas. A mobilidade ativa, se torna protagonista, por reduzir a exposição à Covid-19 e atender a trajetos curtos para comércios e serviços básicos.

O ponto de partida para pensar as políticas públicas de mobilidade no pós-pandemia considera que muitas pessoas estão propensas a utilizar a bicicleta como um modal de transporte. Quem está disposto não o faz devidamente por falta de infraestrutura adequada. Esse fator está diretamente relacionado à sensação de insegurança que, conseqüentemente, inibe a adoção mais prevalente desse veículo.



Rua 25 de Março, São Paulo | Foto: Rayssa Mendes

FLUXOS



Praça do Patriarca, São Paulo | Foto: Rayssa Mendes

FLUXOS

Uma das alterações percebidas durante a pandemia da Covid-19 envolve a utilização de áreas de lazer com mais espaço livre e vegetação. Isso inclui uma maior adoção de parques e praças para fazer caminhadas, descansar ou realizar exercícios físicos intensos. Novos ambientes como “a calçada e a praça em frente” foram “descobertos” por moradores.



Praca Dom José Gaspar, São Paulo | Foto: Rayssa Mendes

FLUXOS



Minhocão 1, São Paulo | Foto: Rayssa Mendes

FLUXOS

Os espaços públicos, que incluem calçadas, ruas, praças, parques, dentre outros - conectam as principais dimensões da vida urbana. Não apenas transitamos por eles em deslocamentos cotidianos: ao nos apropriarmos dos espaços da cidade, transformamos o espaço com nossa presença.



Minhocão 2, São Paulo | Foto: Rayssa Mendes

FLUXOS



Minhocão 3, São Paulo | Foto: Rayssa Mendes



A pandemia de Covid-19 agravou a condição e o número de famílias em situação de rua.

FLUXOS



Rua Amaral Gurgel, São Paulo | Foto: Rayssa Mendes

FLUXOS

O caso emblemático dos entregadores vinculados às grandes startups de entrega: Rappi, Uber Eats e iFood: apesar de gerar uma nova opção de emprego e a intensificação dos fluxos de mercadorias, acabam estimulando condições desgastantes e precarizadas de trabalho.



Av. Paulista, São Paulo | Foto: Rayssa Mendes

FLUXOS



Avenida Paulista 1, São Paulo | Foto: Rayssa Mendes

FLUXOS



Avenida Paulista 2, São Paulo | Foto: Rayssa Mendes

FLUXOS

As direções pós-pandemia apontam para uma oportunidade de diminuir os impactos negativos do homem sobre as cidades e repensar o modelo de ocupação do território, indicando que parte das soluções já estão presentes no nosso dia a dia há muito tempo.

Sobre os autores

Anníbal Luís Montaldi

Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Artes Visuais pelo Centro Universitário Belas Artes (1991). Mestre em Artes Visuais pelo IA-UNESP (2008). Especialização em Museologia pelo Istituto per l'Arte e il Restauro – Firenze. Especialização em História da Arte e Arquitetura pela FAAP - Faculdades Armando Alvares Penteado. Especialização em Arte e Cultura Contemporânea pela Unesp - Instituto de Artes.

Audrey Migliani

Graduação (2013) e Mestrado (2016) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade São Judas Tadeu. Doutoranda pela mesma instituição. Bolsista CAPES, orientadora: Profa. Dra. Maria Isabel Imbroni.

Bruno Fontes Almeida

Graduação em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário de Patos (2018). Mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade São Judas Tadeu (2020) e doutorando pela mesma instituição. Bolsista CAPES, orientadora: Cristina de Campos.

Carlos Quedas Campoy

Graduação (1999) e Mestrado (2015) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade São Judas Tadeu. Doutorando pela mesma instituição. É docente no curso de Arquitetura e

Urbanismo da USJT. Bolsista Anima, orientador: Fernando Guillermo Vázquez Ramos.

Eduardo Munhoz de Lima Castro

Graduação em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Belas Artes (1992). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2005). Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade São Judas Tadeu. Bolsista Anima, orientador: Fernando Guillermo Vázquez Ramos.

Franklin Roberto Ferreira de Paula

Graduação (2009) e Mestrado (2011) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade São Judas Tadeu. Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela mesma instituição. Docente em Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Civil na Universidade Anhanguera. Bolsista CAPES, orientadora: Profa. Dra. Maria Isabel Imbroni.

Gêgela Penarotti de Lima

Graduação em Secretariado Executivo Bilingue pelo Centro Universitário Nove de Julho (2007). Pós-graduação em Gestão de Processos Comunicacionais pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (2008) e História da Arte pela USJT (2013). Mestre (2019) e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade São

Judas Tadeu. Bolsista CAPES, orientadora: Eneida de Almeida.

Jaqueline Fernández Alves

Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Católica de Santos (1985). Mestrado em Restauração e Reabilitação de Edifícios pela Escola Técnica Superior de Arquitetura da Universidade Politécnica de Madrid (1992). Mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2000). Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu. Bolsista CAPES, orientadora: Cristina de Campos; coorientadora: Eneida de Almeida.

Maria Isabel Imbroni

Graduação (1994), Mestrado (2003) e Doutorado (2008) pela FAU-USP. Docente no curso de Arquitetura e Urbanismo na Graduação e PGAUR-Universidade São Judas Tadeu e na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Rayssa Peixoto Mendes

Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela FIAM-FAAM (2015), Mestrado Profissional em Saúde Ambiental pelo Centro Universitário FMU (2020). Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade São Judas Tadeu. Bolsista CAPES, orientadora: Renata Ferraz de Toledo.

UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Arquitetura e Urbanismo

Espaço Público e Qualidade de Vida na Cidade Contemporânea

Prof.a. Dra. Maria Isabel Imbronito

sãojudas ›
Pesquisa & Pós-Graduação
Stricto Sensu

PPS

arquitetura
e urbanismo

